

O ensino no património: sensibilizar para preservar, conservar e restaurar

*Education in heritage: raising awareness
to preserve, conserve and restore*

MARTA FRADE*

Artigo completo submetido a 3 de Maio e aprovado a 23 de maio de 2015.

*Portugal, conservadora-restauradora, formadora na área de Conservação e Restauro e Professora Assistente Convidada na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL). Licenciatura biotápica pré-bolonha em Conservação e Restauro do Instituto Politécnico de Tomar (IPT); 1º ano do Mestrado em Reabilitação e Conservação de Interiores da Escola Superior de Artes Decorativas (ESAD) da Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva (FRESS); a frequentar o 3º ano de Doutoramento em Belas-Artes na Especialidade Escultura, FBAUL.

AFILIAÇÃO: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes. Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058, Lisboa, Portugal. E-mail: martafrade@fba.ul.pt

Resumo: Este artigo tem como objectivo partilhar a experiência adquirida com alunos do 2º e 3º anos (respectivamente 11º e 12º ano) da Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra do Curso Assistente de Conservação e Restauro na área de Estuques, nos módulos TPCR (Teoria e prática de Conservação e Restauro) e FCT (Formação em contexto de trabalho) ao longo de vários anos, na realização de trabalho teórico-prático e formação em contexto de trabalho enquadrada directamente no nosso património, demonstrando como as aulas práticas motivam os alunos e os prepara para um trabalho futuro.

Palavras-chave: património / conservação e restauro/ ensino secundário via profissional.

Abstract: *This essay aims at sharing the experience garnered from the work developed with second and third grade students (corresponding to 11th and 12th grades respectively, in the Portuguese 12-year school system) from Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra (vocational education for cultural heritage conservation) enrolled on the course Conservation and Restoration Technician in the field of Plaster over the years. Specifically, the work developed within the modules Theory and Practice in Conservation and Restoration and Workplace Training, through the completion of theoretical-practical activities and training in workplace directly integrated into the scope of our heritage, thus showing that the practical training motivates and prepares the students for a future job.*

Keywords: *heritage / conservation and restoration / vocational education.*

1. Introdução

Conservation-restoration is not only rather particular as a profession, it is also a certain state of mind, one the teacher has to achieve in each of his or her students, which makes it a highly demanding job. — Hans-Cristoph von Imhoff (2009)

Um dos objectivos principais no Ensino Profissional é dotar o aluno de ferramentas que permitam o início imediato de uma actividade, promovendo a inserção do aluno na vida profissional.

O curso de Assistente de Conservação e Restauro da Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra é um curso exigente, minucioso, que intervém em património edificado, nomeadamente em monumentos nacionais.

A oportunidade de aprendizagem pelo contacto directo com o monumento faz com que haja uma relação de responsabilidade na preservação do bem patrimonial. A articulação entre a transmissão de saberes e a prática do saber-fazer, fora do ambiente escolar — o trabalho *in situ*, coloca-os num ponto privilegiado entre a arte e o reconhecimento do público que o visita.

Fazer parte de um vasto grupo que contribui para a conservação e restauro de um monumento, sensibiliza cada um dos alunos e envolve-os numa experiência profissional: o compromisso do trabalho para com a entidade responsável, bem como, o cumprimento e respeito de horários, o trabalho em equipa e as regras de higiene e segurança no trabalho.

2. Contextualização

A área de Conservação e Restauro, quer a nível profissional quer a nível do ensino, procura sempre a interdisciplinaridade. Desafia o professor a chegar a uma metodologia indicada para cada caso em particular, assim como acontece para o aluno, que passa fronteiras do saber, integrado numa intervenção de conservação e restauro associa os meios para a sua produção em comunhão com a teoria e ética.

O cruzamento de outras disciplinas com a prática de conservação e restauro demonstra a transversalidade da área, mostrando ao aluno a importância que cada área tem na sua profissão futura: o português essencial na escrita dos relatórios finais da obra; a matemática no cálculo para se chegar a soluções de limpeza ou para calcular a percentagem dos dois componentes de material para se poder realizar um molde; geometria descritiva para a obtenção de levantamento de arcos, perfis, paramentos, entre outros; o desenho livre e o desenho técnico para os levantamentos gráficos do estado de conservação (Figura 4); a química e física para analisar e examinar a matéria em intervenção obtendo um conhecimento mais profundo, como

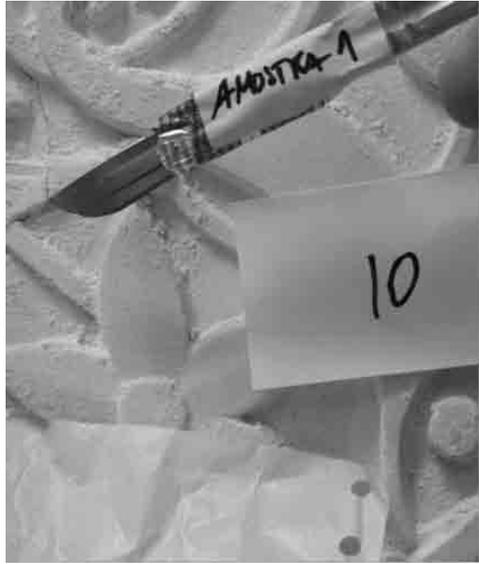


Figura 1 · Recolha de amostra de sais à superfície (eflorescências). Fonte: própria.

Figura 2 · Desenho livre com apontamentos das dimensões dos elementos ornamentais do arco no torreão central do Palácio de Monserrate em Sintra, realizado pela aluna Sara Alvega (ano lectivo 2014/15).

por exemplo a análise de sais solúveis para despistar a sua proveniência (Figura 1); o inglês (ou outras línguas estrangeiras) para interagir com o público que visita as obras e para conseguir aceder à informação em livros técnicos da área que são sobretudo estrangeiros; a história de arte importante suporte no conhecimento da obra em que estão a intervir, desde a sua análise estilístico-artística e temporal.

É sem dúvida extremamente importante a interdisciplinaridade na conservação e restauro bem como noutras áreas, e vai ao encontro do que afirma Ana Mae Barbosa, este ensino interdisciplinar enriquece “a aprendizagem de outros conhecimentos, as disciplinas e as actividades dos estudantes” (Barbosa, 2002: 41).

Com este ensino interdisciplinar e transversal a outras áreas, formamos alunos mais polivalentes.

No exercício de intervir em conservação e restauro no património edificado, estes alunos ganham uma auto-estima elevada, pois contribuem para manter uma memória histórico-cultural, a herança patrimonial do país.

3. A formação

Ninguém é tão ignorante que não tenha algo a ensinar. Ninguém é tão sábio que não tenha algo a aprender. — Blaise Pascal

Na formação em Teoria e Prática da Conservação e Restauro e Formação em Contexto de Trabalho, num primeiro contacto, é exigida uma observação atenta e cuidada, para que possam realizar um diagnóstico e uma correcta leitura estética da obra, a fim de não cometerem erros durante a intervenção. Para isso, iniciam os trabalhos com uma pesquisa sobre a história do edifício a intervir, de modo a saber a sua funcionalidade, autor, entre outros, ajudando o aluno a compreender e conhecer a obra e o material de que é constituído e /ou construído.

Ao longo dos módulos, o professor transmite os códigos de ética e a evolução da área no decorrer dos tempos: o homem desde sempre teve a preocupação de conservar e restaurar os seus objectos/pertences, utilitários e/ou decorativos, sendo o trabalho realizado por artesãos e artistas nas suas oficinas, de acordo com a arte e saber de cada ofício. Nos nossos dias a profissão de conservador restaurador evoluiu tornando-se numa disciplina muito particular e exigente. Em constante progresso, é valorizada por parte da educação que dignifica o património.

É do conhecimento do aluno que um conservador-restaurador deve estar sempre apoiado num historiador de arte, mas numa formação equivalente ao secundário num regime profissional, é-lhes exigido também um conhecimento de todas as áreas, embora de forma um pouco mais abrangente.

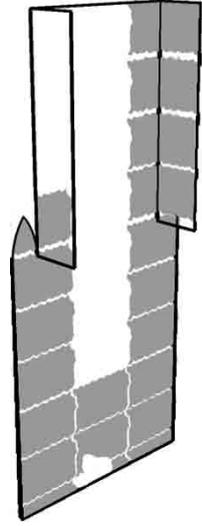
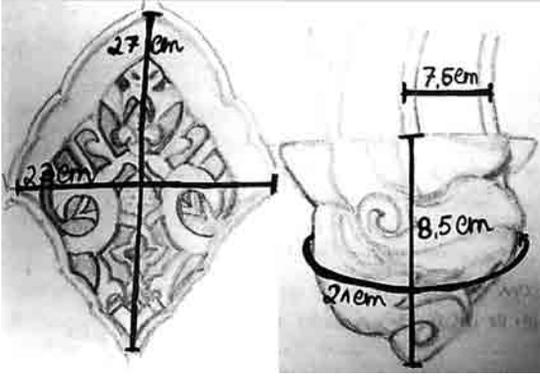


Figura 3 · Desenho livre com apontamentos das dimensões dos elementos ornamentais do arco no torreão central do Palácio de Monserrate em Sintra, realizado pela aluna Sara Alvega (ano lectivo 2014/15).

Figura 4 · Levantamento gráfico, em desenho técnico, onde se observa em branco a ausência de placas do pano parietal, que antecede a sala do bilhar do Palácio de Monserrate em Sintra, realizado pelo aluno João Simões (ano lectivo 2008/09).

Figura 5 · Imagem da utilização de equipamento (bata, fato de macaco e/ou calças) para a realização do trabalho em obra com a devida identificação da escola.
Fonte: própria.



Figura 6 · Pormenor da utilização das botas de biqueira de aço. Capela da Base Aérea nº1 de Sintra.

Figura 7 · Pormenor da limpeza química com o auxílio de um cotonete num capitel no Palácio de Monserrate em Sintra. Fonte: própria.

O treino do olhar torna o aluno mais desperto e com uma maior sensibilidade para contemplar outro património, durante o seu dia-a-dia. O olhar atento gera uma opinião crítica em relação ao que diz respeito ao nosso património. Assim, inicia-se um registo do estado de conservação, elaborando um diagnóstico de forma a chegar à metodologia a adoptar para a sua preservação, respeitando sempre os valores da obra, evitando assim intervenções erráticas e perdas para o nosso património. Os alunos ganham consciência que a conservação e restauro é um momento que permite o estudo mais aprofundado de um bem, desde a sua construção até aos nossos dias, passando pelas várias campanhas que por vezes alteram toda uma estética decorativa.

Mas é também através das noções de fotografia, que registam o geral e o pormenor, o levantamento fotográfico, em conservação e restauro, regista todos os momentos da intervenção numa obra, o antes, o durante e o depois.

De seguida à fotografia passa-se para o registo gráfico, e é deixado ao aluno a escolha do meio para o fazer seja manual e/ou digital (Figura 2 e Figura 3).

A atribuição de responsabilidades a cada um dos alunos, faz com que se sintam úteis e conscientes da importância do seu trabalho. Ciente de que, embora seja da responsabilidade do professor a metodologia a utilizar, também o aluno faz parte da equipa que executa o trabalho e que, sem ele, o trabalho não se concretizaria. É igualmente responsável ao respeitar as regras de higiene e segurança no trabalho, apresentando-se sempre de fato de macaco com identificação da escola e botas de biqueira de aço (ver Figura 5 e Figura 6) e por manter o equipamento/ferramentas limpos e cuidados bem como o local onde decorre a intervenção, seja em oficina ou *in situ*. Passar este dever ao aluno, faz com que este se aperceba que é esta a prática comum que deve adoptar num futuro próximo da sua vida profissional. O ser cioso pela sua oficina e equipamento/ferramentas.

No início de cada intervenção o aluno aprende a logística do local e a protecção do chão com manga plástica, evitando-se assim a propagação da sujidade ao longo do espaço a intervir. A gestão do espaço e a sua limpeza são constantes.

Também é transmitido ao aluno o saber estar, postura a adoptar em trabalhos que esteja exposto, preparação já para a Prova de Aptidão Profissional, prova que é o culminar de uma aprendizagem de 3 anos. Durante o período de formação, a metodologia aplicada assenta também num conjunto de perguntas colocadas pelo professor, de modo a que o aluno, mesmo estando em prática, esteja sempre atento à ética da conservação e restauro. Consequentemente, vai ajustando respostas à realidade em que se encontra, questionando-se por vezes e confrontando as respostas do professor, gerando-se assim um diálogo aberto com discussão de hipóteses e ideias. O aluno com esta formação não

terá autonomia para tomar decisões finais, o que não implica no entanto que o professor não o faça refletir. Esta pedagogia interventiva impulsiona a consciência de decisões, estimulando não raras vezes o aluno a sugerir outra solução, futuramente ponderada pelo professor. Não sendo esta área criativa, compete ao professor mostrar que o conservador restaurador poderá ser criativo nas soluções a encontrar, demonstrando a diversidade de materiais existentes estudados para esta área. Assim, o professor contribui para o despertar da sensibilidade conduzindo ao desenvolvimento individual.

Em várias intervenções, o trabalho desenvolve-se consoante o estado de conservação da obra em que se vai trabalhar: por vezes a intervenção resume-se à limpeza, umas das etapas mais exigente e que obriga o professor ter uma atenção redobrada durante o ensino — a patine, a marca do tempo tem que ser respeitada e nunca anulada (Figura 7); outras vezes temos que passar à reconstrução volumétrica quando é necessário devolver a integridade física, estabilidade estrutural e a sua leitura. Para isso, a transmissão de técnicas ancestrais, técnicas essas que os estucadores utilizaram nessas obras milenares com grandiosas decorações em estuques, são passadas aos alunos — desde o esculpir no local, os moldes em silicone e os moldes de cêrcea (moldes de correr para a obtenção de molduras rectas e /ou circulares e sancas) (Figura 8, Figura 9 e Figura 10).

Convém referir, que estas técnicas dão ao aluno uma versatilidade na saída profissional: tanto podem utilizá-las para a conservação e restauro como na realização de obra nova (Figura 11). Preparamos o aluno para a realidade em que nos encontramos: precisamos de quem esteja munido do saber-fazer. E assim ganham consciência do trabalho que outrora os estucadores, canteiros, pintores, entre outros, tiveram na realização do nosso património.

É também pedido ao longo do módulo, que realizem uma folha de obra, registando as horas de entrada e saída, e das tarefas que vão executando ao longo da intervenção (Figura 12). No final, no relatório que têm de entregar (Prova de Aptidão Profissional), realizam um gráfico onde ficam com a noção do tempo que levaram a executar determinada tarefa. Assim, fica um registo para uma futura intervenção e a noção do tempo de uma obra, embora a uma escala mais reduzida.

3.1 Os campos de férias

No final do período de formação realizou-se, por dois anos consecutivos, campos de férias no Palácio de Monserrate, de modo a que os alunos vivenciassem, num pequeno período de tempo, o trabalho semanal sem ser em contexto de formação. Em duas semanas cumpriram o horário como se de um trabalho de tratasse.

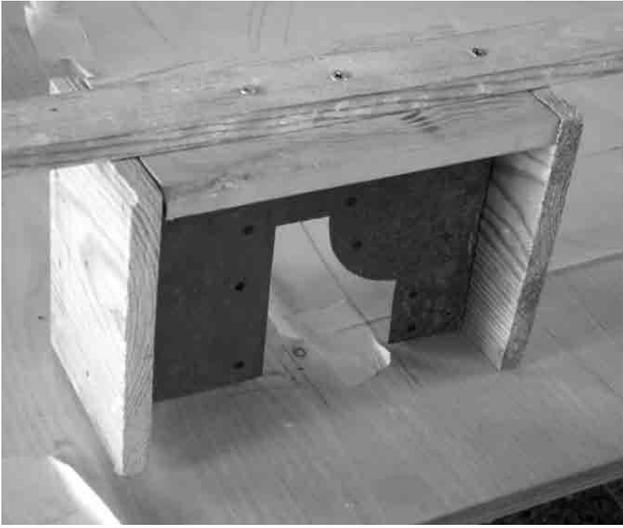


Figura 8 · Fotografia de um molde de cércea
Fonte: própria.

Figura 9 · Realização de uma moldura ogival.
Fonte: própria.



Figura 10 · Realização de uma moldura circular.
Fonte: própria.

Figura 11 · Montagem de uma réplica de um arco do Palácio de Monserrate, a partir de todas as peças reproduzidas através de molde em silicone e/ou de cércea. Foto: aluno Luis.

Foi-lhes proposto várias actividades, dificuldades para resolver, sob orientação, de modo a incentivá-los nesta nova fase que decorria “em ambientes autênticos, de prática, a que se imprimiu um carácter lúdico, divertido, agradável, para, assim, se sentirem envolvidos e motivados” (Formosinho, Boavida & Damião, 2013: 229).

Neste tipo de actividade tiveram oportunidade de realizar outro género de trabalhos que, por vezes e por diferentes razões, não podem fazer em formação, como por exemplo a inventariação, que complementa os estudos. São actividades que duram 10 dias uteis, traduzindo-se em experiências profissionais, a adicionarem ao currículo do aluno, e num certificado final. *Aberto para obras*, lema adoptado pela entidade que gere o Palácio de Monserrate, os alunos são observados e interagem com os turistas. E é com admiração que esses turistas se apercebem da jovialidade dos intervenientes nestes trabalhos de conservação e restauro. No final o convívio entre o grupo e a orientadora num pic-nic.

4. E Agora?

O contacto com professores que outrora foram alunos da mesma escola faz com que os alunos procurem respostas junto dos mesmos. Através do relato de vários professores, neste caso ex-alunos da escola, das diferentes áreas de restauro, é-lhes demonstrado o percurso que cada um optou e as opções que têm pela frente: a via académica — o ensino superior e os cursos de especialização tecnológica, ou a via profissional — trabalhando por conta de outrem integrando equipas de conservação e restauro.

Como ex-aluna (turma 1997/2000) desta escola e agora aqui enquanto professora, sou confrontada com algumas questões que inquietam estes alunos: o futuro!

É com optimismo que o professor deve partilhar a sua experiência pessoal: no meu caso, a opção pela via académica, seguindo para o ensino superior, mas enquanto trabalhador estudante, integrando equipas de conservação e restauro em momentos em que o período escolar assim o permitia, pois tinha saído de uma escola profissional com uma vertente de polivalência, multifacetada e interdisciplinar.

Mas para que o trabalho se realize com sucesso tem que haver uma entrega total no trabalho, disponibilidade, humildade e paixão, de modo a se ganhar experiência e conhecimento para alargarmos os nossos horizontes.

O facto de começarmos a trabalhar não significa estagnar, e como *cada caso é um caso*, a necessidade de estudarmos, de actualizar a nossa formação é obrigatória!

Todos os dias saem produtos novos; todos os dias se descobre que o produto que utilizámos “ontem” está desadequado ou desactualizado “hoje”; todos os dias crescemos e damos conta que a ética é mais importante do que a rapidez; todos

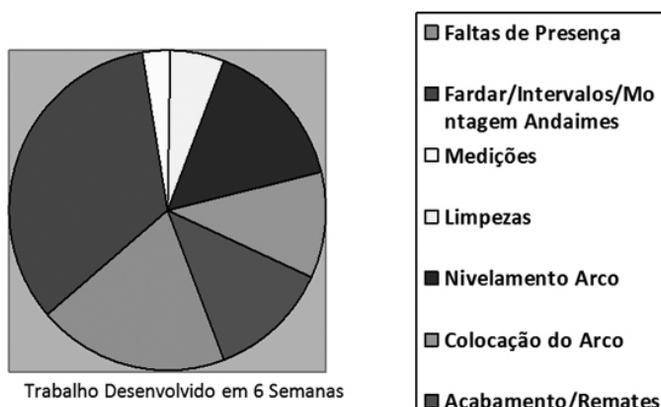


Figura 12 · Exemplo do tempo distribuído quer pelas tarefas realizadas como pelo tempo que o aluno leva a preparar-se para ir trabalhar. Gráfico realizado por Rita Gonçalves (ano lectivo 2014/15).

os dias crescemos interiormente, mudando a nossa maneira de pensar e agir.

Comecei pelo bacharelato e depois a licenciatura e perguntei, e agora? Continuei a trabalhar, por vezes fora da área na qual estudei, mas sem desistir continuei a estudar e a dar aulas. Agora encontro-me no doutoramento para poder continuar a dar cada vez mais ao aluno e conseguir responder ao máximo de questões e incertezas que o inquieta.

Conclusão

Este tipo de formação faz com que os alunos questionem, reflitam e contribuam para a emancipação do futuro papel do “olhar” pelo património e do seu zelo. Aprendem e cruzam informação — a interdisciplinaridade, contextualizando o monumento no seu período artístico (contexto histórico-artístico), conhecendo a sua materialidade e o seu uso.

Nesta área o contacto entre o professor e o aluno deve ser estreito e exigente: o professor tem o dever de passar os valores e sensibilizá-lo para o nosso património histórico-artístico e patrimonial, de modo a que o aluno consiga compreender, pensar e agir para preservar. Através de transmissão de técnicas antigas, manuseio de ferramentas e conhecimento de vários materiais, chegamos a uma maior amplitude nos conhecimentos, fornecendo-lhes “ferramentas” para a vida profissional.

A formação fora da sala de aula desperta-os para a realidade de trabalho, a percepção de que ajudam a manter a memória dos antepassados para as gerações futuras, eleva-os a um nível de orgulho e confiança pelo seu trabalho. No final do terceiro ano (equivalente ao 12ºano), após a apresentação da Prova de Aptidão Profissional, encaram o património de forma mais atenta, mais desportos. Sabem que contribuíram para a reconstrução da memória, a sua herança cultural.

Referências

- Barbosa, Ana Mae (2002) "Arte na educação: interterritorialidade, interdisciplinaridade e ouros inter/" *Visualidades*. Goiânia: Vol. 3, nº1 (Jan/Jun).
- Formosinho, Maria; Boavida, João; Damião, Maria Helena (2013) *Educação: perspectivas e desafios*. 1ª edição. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Hans-Christoph von Imhoff (2009). "Aspects and Development of Conservator-Restorer's Profession since WWII," *EConservation Magazine*, no. 8, 53-61 (Consult. 2011-01-10) Disponível em URL <http://www.e-conservationline.com/content/view/717>